

Discreto saldo comercial não cria situação de alarme com pagamentos

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

O pequeno saldo comercial obtido em outubro, no valor de US\$ 223 milhões, não assusta o Banco Central. "A situação não é de alarme", disse ontem a este jornal o diretor da Área Internacional, Antônio Cláudio Sochaczewski, considerando em sua avaliação algum pagamento de juros em atraso aos bancos credores e desembolsos de outros compromissos assumidos pelo Banco Central até o final de 1990.

Se confirmado na mesa de negociações o compromisso de pagar aos bancos credores externos neste ano parte dos juros em atraso — cerca de US\$ 900 milhões, do total de US\$ 8 bilhões de atrasados até dezembro, conforme apurou ontem em Nova York o correspondente deste jornal, Getulio Bittencourt —, o efeito sobre as reservas internacionais seria imediato. No caso de aquele valor ser referendado, as reservas em caixa no BC cairiam do nível em torno de US\$ 8 bilhões hoje para algo próximo de US\$ 7 bilhões.

Outros dois compromissos assumidos pela autoridade monetária vão exigir do País desembolsos das reservas até o final do ano: cerca de US\$ 420 milhões representam remessas de lucros e dividendos para o exterior que ficaram retidos no BC e cuja conta deve estar toda liquidada no final de dezembro e, além disso, sai das reservas no final de novembro algo em torno de US\$ 200 milhões a título de pagamentos devidos pelo País ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Ainda assim, o nível das reservas em caixa não terá chegado ao limite crítico: "Não corremos o risco de ter uma crise cambial no País", atestou o diretor do BC.

BALANÇA

No mercado, no entanto, o resultado da balança comercial de outubro trouxe preocupação com efeitos sobre a própria taxa de câmbio, que chegou a subir ontem 4% sobre o nível do dia anterior, alcançando o valor de Cr\$ 125,00 por dólar norte-americano. Chegou-se a suspeitar que o País poderá, em janeiro do ano que vem atingir uma situação de ter de enfrentar um déficit na sua conta corrente do balanço de pagamento sem que tenha condições de absorver poupança externa para financiar a diferença. O raciocínio é de que o País precisa gerar maiores quantidades de divisas com as exportações para fazer frente aos

pagamentos de importações, dos compromissos com a dívida externa e de outras despesas financeiras, como remessa de lucros e dividendos.

O diretor do BC discorda totalmente daquela linha de raciocínio e lembra que, no limite, o saldo da balança comercial poderia até chegar a zero, mas jamais poderá ser negativo com a política atual de câmbio flutuante. "As pessoas se esquecem que o Banco Central não é mais obrigado a dar cobertura cambial e que a taxa de câmbio é agora formada no mercado; portanto, se há aperto no mercado de câmbio a tendência da taxa é subir, incentivando as exportações e desincentivando as importações", contra-argumenta Sochaczewski.

Ele informa que o valor de câmbio contratado pelos exportadores em outubro último — de cerca de US\$ 2,9 bilhões no acumulado do mês — foi o melhor desempenho já registrado para um mês de outubro, nos últimos quatro anos. As importações totais com o petróleo — as operações de fechamento de câmbio com petróleo pesaram US\$ 820 milhões no mês passado — somaram valor em torno de US\$ 2 bilhões em outubro. Como há hoje uma defasagem de dois a três meses entre as operações financeiras que envolvem o fechamento de câmbio e o resultado físico (que mede entrada e saída de mercadorias do País) da balança comercial, aqueles dados de outubro fariam supor que entre janeiro e fevereiro o saldo comercial apresentará resultado bem melhor comparado com outubro. No entanto, o próprio diretor do BC adverte para o fato de que o movimento cambial da importação é hoje uma incógnita — "fica difícil saber se o valor representado pelas operações de fechamento de câmbio representa efetivamente remessas efetuadas ao exterior ou não naquele período", disse ele — e, nesse caso, não se pode prever com tanta segurança como no passado qual será o nível do saldo comercial dentro de dois ou três meses. Até mesmo a projeção para o nível das reservas internacionais do País fica com o grau de exatidão comprometido. Hoje, como se sabe, o importador pode fechar câmbio com até 45 dias antes do pagamento do compromisso no exterior. Antes, só podia fazê-lo com pelo menos dois dias úteis de defasagem o que implicava em que a operação cambial batesse imediatamente no caixa das reservas internacionais.